

JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

M. F. DO NASCIMENTO BRITO *Diretor Presidente*MARIA REGINA DO NASCIMENTO BRITO *Diretora*VICTORIO BHERING CABRAL *Consultor*MARCOS SÁ CORRÊA *Editor*FLÁVIO PINHEIRO *Editor Executivo*ROBERTO POMPEU DE TOLEDO *Editor Executivo***Subterrâneos da Educação**

Aguardada com expectativa proporcional à importância do assunto, a escolha do ministro da Educação do governo Collor de Mello acabou apanhando todo mundo de surpresa — nisto incluído, ao que parece, o próprio ministro.

Segundo tradição que vai criando raízes, o cargo foi entregue a um político. Isto não seria em si mesmo um problema. Gustavo Capanema era político, e marcou a educação brasileira. Desde então, qual foi o ministro dessa pasta que deixou marca?

Por culpa de um tratamento rotineiro, quando não equivocado, a educação transformou-se em problema sério neste país. Disporá o senador Carlos Chiarelli de pistas para resolvê-lo? Ele se mostra decidido, como prioridade número um, a erradicar o analfabetismo “no mais curto prazo possível”.

Pode ser um objetivo, sabendo-se que o país tem milhões de analfabetos. Será o número um? A intenção do ministro evoca recordações dolorosas do finado Mobral (depois substituído por uma Fundação Educar que já não tinha os mesmos objetivos). A mais recente ofensiva sobre o terreno pantanoso do analfabetismo resultou numa perda colossal de recursos. Ao final da campanha, o quadro não estava substancialmente alterado; e o Mobral tinha-se transformado numa espécie de gigantesco partido político.

A esta altura dos acontecimentos, tudo seria prioridade na educação brasileira: o ensino básico, o ensino médio, o ensino superior, o mau estado das escolas, o pré-escolar. É preciso começar de algum ponto, se se quer mudar. De fato, um panorama dramático. Por que não começar estancando a fonte de onde jorram, aos borbotões, novos analfabetos?

A grande injustiça da educação brasileira é o modo como o atual ensino básico realimenta o analfabetismo. Não se trata exatamente (como enfatizou o professor Hélio Jaguaribe, em *Alternativas do Brasil*) de que faltem matrículas no ensino básico. As matrículas cobrem quase todas as necessidades, sobretudo nas regiões mais desenvolvidas. O que acontece é que, com uma rapidez assustadora, o sistema põe-se a jogar pela amurada os que embarcaram nele, através de um índice de evasão simplesmente criminoso.

De cada 100 alunos que entram para o nosso sistema oficial de ensino, não mais do que 36 chegam a matricular-se na quarta série. A evasão escolar cumulativa, da primeira à quarta série, é de 64%. A taxa de aproveitamento final, para a população adulta, reduz a 9.6% os que concluíram a oitava série.

Este é o verdadeiro gargalo da educação brasileira; aqui se joga a sorte das crianças com uma

balança viciada e perversa. Conhecem-se os fatores que levam a isso: a criança que vem das famílias mais pobres tem deficiências orgânicas e intelectuais. Não come o suficiente; e não está acostumada a qualquer processo de abstração. Em média, sua taxa de exposição à escola é de duas horas e meia por dia — quando o índice teria de ser, no mínimo, de seis horas.

Nesse contexto, metade dos alunos é reprovada em cada uma das três primeiras séries. A criança brasileira leva, em média, seis anos para cursar as três primeiras séries. Nas famílias pobres, isto conduz à “síndrome do burro”: a criança é tida como burra, e retirada da escola para ajudar na subsistência da família.

É esse ciclo, de uma crueldade a toda prova, que teria de ser quebrado — sobretudo porque ele produz em massa novos analfabetos. O sistema dos CIEPs foi uma utopia que tentou remediar esses males. Acabou se reduzindo a um processo caríssimo de fabricação de prédios (cerca de um milhão de dólares por unidade). Um sistema menos utópico de reforma das escolas poderia dar à criança o tipo de instalação de que ela necessita para expandir-se física e intelectualmente.

Mas os CIEPs falharam, entre outros motivos, porque não tinham a necessária mão de obra: o professor. É absolutamente injustificável o que aconteceu, no Brasil das últimas décadas, com os professores do ensino básico. Na Europa, eles ganham tanto quanto os professores universitários. No Brasil, costumam ganhar menos que as empregadas domésticas. A profissão abastardou-se, e agora apenas um terço desses professores têm formação adequada. Quem quer preparar-se para um trabalho que perdeu dignidade?

É esse professor mal preparado e mal pago que recebe, em escolas arruinadas, uma freguesia que exigiria cuidados especiais (pois o pré-escolar, aqui, ainda é um projeto embrionário). Como estranhar que haja logo distância entre professor e aluno, e que também o professor passe a trabalhar com a “síndrome do burro”? Como estranhar que o ano comece com ameaças de greve na rede pública, ou que termine muito antes do previsto, condenando à reprovação o aluno que não tem culpa de nada?

Este é o gargalo vicioso; esta é a revolução que precisa ser feita. Pois se ela não for feita, será simples brincadeira montar uma grande batalha contra o analfabetismo. Estaremos criando um vasto sistema paralelo de ensino, para ensinar as pessoas a rabiscar o próprio nome. Enquanto isso, nos subterrâneos da educação, as pseudo-escolas de hoje continuarão a jogar pela janela crianças que, da educação, tiveram apenas uma amostra deturpada e amarga.